

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO
DOS
ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

Proprietaria e editora a Associação

Commissão redactora: — Ascensão Valdez, A. Lamas, Rocha Dias

A responsabilidade dos escritos publicados neste boletim pertence exclusivamente aos seus auctores.

«A Associação dos Archeologos Portuguezes, absolutamente estranha a qualquer partido politico, tem como fim exclusivo da sua existencia guardar as preciosidades archeologicas e artisticas, sejam elas de que natureza forem, disseminando por toda a parte e por todas as fôrmas, o amor da archeologia e da arte.»

CAMPANARIOS EM PORTUGAL

(Continuado do n.º 12, do tomo XII, 5.ª série, pag. 554)

ODIVELLAS

O convento de Odivellas foi fundado pelo rei D. Diniz em 1295 e dedicado a S. Diniz e a S. Luiz e depois tambem a Santa Maria, sendo destinado a freiras da ordem de S. Bernardo ou de Cister. O convento e a igreja tiveram sucessivas e varias reconstruções e grandes alterações em diferentes épocas, conservando-se da primitiva fundação as absides em estilo gotico, tanto nas fôrmas internas como externas.

No tempo do rei D. João V muitas obras se fizeram no convento pela assiduidade das visitas d'aquelle monarca á célebre madre D. Paula Thereza da Silva.

O terremoto do primeiro de novembro de 1755 muito danificou o convento e a igreja, que foram depois restaurados.

Pela extinção do convento em 1887 depois do falecimento da ultima freira foi o edificio incorporado na Fazenda Nacional, e aplicado pelo decreto de 9 de março de 1899 para abrigo e educação das filhas orfans de officiais do Exercito e da Armada sob o titulo de «Instituto infante D. Afonso» por decreto de 6 de novem-

bro de 1910 foi denominado «Instituto da Torre Espada» e pelo decreto de 27 de abril de 1912 tem a invocação de «Instituto feminino de educação e trabalho».

O campanario é antigo, e é incomoda a subida da estreita escada espiral, como são geralmente as escadas em todas as torres dos sinos, e não só são incomodas, mas até algumas são perigosas; porem os panoramas, que se desfrutam dos altos das torres, compensam bem a fadiga da ascensão.

Na torre só existe um sino anepigrafo do seculo XVIII, o qual tem em cima uma faixa liza formada por filetes com ornamentos pela parte inferior, o centro é completamente lizo, e em baixo na borda tem cintas lisas. Este sino não faz serviço está em mau estado e perigoso, porque na corôa tem algumas azelhas quebradas, e como não tem já cabeçalho, está mal suspenso em uma barra de ferro.

EGREJA DO SANTISSIMO NOME DE JESUS

A igreja da freguezia de Odivellas dedicada ao Santissimo Nome de Jesus é vistosa e bem ornamentada, devendo ter participado da magnanimidade do rei D. João V. Tem altar mór, dois altares colaterais e quatro na nave com um rodapé de azulejos do seculo XVIII, e uma teia de balaustres torcidos em madeira do Brazil.

Tem na fachada uma torre e nela um carrilhão de oito sinos, estando quatro nas sineiras e os quatro menores dispostos nos angulos internos da mesma torre.

Os oito sinos são da mesma oficina de fundição, e têm em cima faixas lisas com ornamentos, nos centros para o lado externo da torre uma Cruz ornamentada com raios e peanha, para a parte interna têm uma Custodia, em baixo cintas lisas com o letreiro seguinte :

MANOEL ANTONIO DA SILVA. FILHOS. Lx.^a
ANNO DE 1866.

Em um outeiro do pitoresco vale da Paian pertencente á freguezia de Odivellas estava edificada uma ermida dedicada a Nossa

Senhora dos Prazeres pelo pôvo daquele logarejo, o qual em 11 de abril de 1831 deu começo á sua construção, e concluida a ermida foi aberta ao culto em 8 de setembro de 1832.

A imagem da Senhora pertencia á capela na Azenha Velha da mesma freguezia, tendo sido a imagem cedida e transferida para a nova ermida da Paian.

Na pequena torre construida sobre a empena da frontaria havia um pequeno sino, o qual tinha em cima uma estreita faixa com ornamentos, no centro uma pequena Cruz ornamentada com peanha, em baixo na borda tinha filetes e na cinta liza o nome do fundidôr

SILVA * FILHOS * LX.^A 1867.

Em 1913 foi esta ermida profanada e destinada pelo «Centro escolar republicano tenente Valdez» da Paian a servir para a sua escola de instrução primaria, e as casas anexas para a residencia da respectiva professôra.

PÓVOS

O lugar de Póvos foi freguezia e vila antiga, actualmente pouca importancia tem, pertencendo ao concelho e comarca de Vila Franca de Xira.

O orago da freguezia era Nossa Senhora da Assumpção, a egreja matriz está toda arruinada, o seu portal era de architectura denominada manuelina, o qual foi arrancado, e consta ter sido remetido para Cintra.

A egreja conserva ainda ao lado da frontaria a sua torre com tres sinos.

1.º — Tem em cima faixas lisas com ornamentos, no centro do sino para o lado exterior da torre está uma Cruz ornamentada com raios e peanha, para dentro o escudo corôado das armas da nação sobre a Cruz da ordem de S. João de Jerusalem ou de Malta, em baixo estão filetes formando cintas lisas e em uma indica o fundidôr

FAUSTINO ALUES GUERRA O FES EM LISBOA
NO ANNO DE 1785

2.º — Em cima tem cintas lisas com ornamentos, ao centro só de um lado está uma Cruz ornamentada com peanha, em baixo filetes e em uma cinta liza tem o nome do mesmo fundidôr

 **FAUSTINO ALUES GUERRA O FES EM LISBOA**
NA ERA DE 1777 

3.º Tem em cima cinta liza e ornamentada, no centro não tem emblemas, em baixo estão filetes e cinta liza. E' anepigrafo.

TORRES NOVAS

Egreja do Santissimo Salvador

É freguezia, e era a matriz da vila de Torres Novas, cuja igreja é de construção antiga reconstruída no seculo XVII, conforme indicam os azulejos, que revestem as suas paredes até ao entablamento, e o ano de 1669 indicado na porta principal.

A igreja tem, além do altar-mór com retabulo em talha de madeira doirada, dois altares colaterais e dois na nave, havendo ao lado da Epistola uma bancada com espaldares destinada á irmandade do Santissimo.

A actual sacristia da igreja era a antiga capela de S. Jorge em cuja abobada se vêem as nervuras, que poisam em misulas de remotos labores talvez do seculo XIV ou XV.

Na frontaria sobre a porta principal rectangular existe uma janela para o côro, e sobreposto está um nicho em renascença, tendo na volta do arco gravada a legenda SALVATOR MUNDI.

Na torre se encontram dois sinos.

1.º — Tem em cima cinta liza e nela marcado o ano

S 1806 S

ao centro do sino está uma Cruz com peanha em estrelas, em baixo na borda tem nas duas faixas lisas o letreiro seguinte:

SANTISIMO ⊙ SALVADOR ⊙ SANTISSIMO ⊙ CORACAO
⊙ DE IEZUS
S IOAQ^m S SORILHA S MEFES ⊙

2.º — Em cima está uma faixa liza com a legenda

IESVS *** MARIA *** IOSEPH ***

no centro tem uma Cruz com peanha em estrelas e de cada lado da Cruz [IHS], em baixo estão filetes circulares e na cinta liza o letreiro seguinte em uma linha

ECE * CRVCEM * DOMINE * FVGITE * PARTES *
ADVERSE ***** 1760

Egreja de Santa Maria

A igreja de Santa Maria de Torres Novas é freguezia, e está edificada junto ao antigo castelo desta vila. Da sua primitiva construção pouco resta, porque as diversas reconstruções feitas em diferentes épocas tudo transformaram.

Na sua fachada acha-se levantada a torre dos sinos, e nela se encontram dois para o serviço da igreja.

1.º — Em cima tem faixas lízas, no centro está uma Cruz ornamentada com estrelas e sua peanha, em baixo filetes e na cinta liza tem a legenda

MARIA I H S IOZE ANO DE 1793

2.º — Tem junto á corôa cinta liza e a legenda

* I H S * MARIA * IOSE * 1770

ao centro está uma Cruz, em baixo na borda tem filetes formando faixas lízas.

Na mesma torre da igreja de Santa Maria de Torres Novas estão os dois sinos da Camara da vila, os quais batem as horas e os quartos do relógio. Estes dois sinos não têm cabeçalhos, estão suspensos nas sineiras em barras de ferro.

Sino das horas é do século XVI — Tem em cima junto á corôa uma cinta liza, e em caracteres goticos maiusculos a legenda

I H S ✠ GAR ✠ SANTISSIMA ✠ SERVA ✠ DEI

ao centro está uma Cruz com peanha em estrellas, em baixo na borda estão filetes formando faixas lisas.

Sino dos quartos — Em cima na corôa e em baixo na borda tem cintas lisas circulares formadas por filetes, no centro do sino não existem emblemas. E' anepigrafo.

Existem nos campanarios das nossas egrejas muitos sinos dedicados a Santa Barbara, porque sendo esta santa advogada contra os trovões, era crença, que os sinos a badalar tinham a virtude de afugentar as trovoadas pela intercessão da mesma santa, e não só pela sua intercessão, como pelo uso liturgico; visto que no ceremonial da egreja catholica estabelecido pelo Ritual Romano para a benção dos sinos é recitada a oração, na qual se roga «o afastamento para longe de traições, sombras, fantasmas, incursões de ventos, raios, damnos de trovões, calamidades das tempestades e de todos os espiritos destruidores» (1).

Estas considerações se verificam nas legendas dos sinos portugueses já descritos neste nosso trabalho a pag. 5, 24, 27, 36, 44, 51 e 94.

Da mesma fórma pela crença geral no mundo christão, identicas considerações se revelam nas epigraphes de alguns sinos de Hispanha (1), França (2), Belgica (3) e Inglaterra (4).

(1) *Las Campanas su historia, su bendición, su uso litúrgico* por el R. P. Juan B. Ferreres. Madrid, 1910.

(2) *Recherches pour servir à l'histoire des arts .. Cloches poitevines...* par Mr. Jos. Berthelé. Paris, 1890 cit.

(3) *Variétés campanaires. Deuxième série*, par Mr. Fernand Donnet. Anvers, 1909 cit..

(4) *Church bells of England* by H. B. Walters. Oxford, 1912.

LISBOA

Egreja de S. Bento

A egreja pertenceu ao mosteiro de S. Bento da Saude, cujo edificio foi applicado na época constitucional a servir de palacio das Côrtes, e actualmente é o palacio do Congresso da Republica Portugêsa.

Em uma parte do convento dos religiosos beneditinos se instalou o Arquivo da Torre do Tombo, o qual pela catastrophe do terremoto do primeiro de novembro de 1755 teve de ser transferido da Torre da Alcaçova no castelo de Lisboa.

Do antigo convento existem devidamente collocados nas novas instalações do Congresso alguns magnificos azulejos policromos do seculo XVII, e em uma dependencia do edificio estão guardados dois belos sinos, que pertenceram á torre da egreja daquelle convento.

1.º — Tem em cima uma faixa liza com emblêmas e a legenda seguinte em uma linha:



I H S



DEO * OPTIMO * MAXIMO * A * G * F *



E * CT * 1638

ao meio do sino existe outra faixa liza circular com o letreiro

IN * SSM * PM * BM * GRATA * FILIORVM * DEVOTIO *

A leitura das letras A * G * F * E * CT * da legenda superior deverá ser ANTONIUS GOMES FECIT.

Este Antonio Gomes fundidor de sinos, que tambem foi fundidor de artilharia, incluído na lista dos *Fundidores de Artilharia* do Dr. Sousa Viterbo, nomeado por D. Filipe II em sua carta de 10 de maio de 1610 com o ordenado anual de oito mil reais, era Antonio Gomes Feio, e fundiu em 1611 o sino grande da egreja da Graça em Lisboa, já descrito a pag. 46, e têm ambos além do seu nome a mesma marca da sua fundição.

O sino de S. Bento tem de altura total com as azelhas da corôa 1,^m38 e de diametro na boca 1,^m34.

2.^o — Em cima tem cintas lizas formadas por filetes, ao centro de um lado está a figura de S. Bento com o baculo, do lado oposto uma Cruz com a imagem de Christo crucificado e peanha sobre filetes, que circundam o sino, em baixo na faixa liza tem em uma linha o nome do fundidôr

SANTOS . YOZE . NIHOUL . ME . FECIT . ANNO .
DOMINI . 1744 .

SANTAREM

Egreja da Graça

A igreja da Graça pertenceu ao convento da ordem dos religiosos eremitas de Santo Agostinho, e tinha sido fundado em 1376 por D. João Afonso Telo de Menezes e D. Guiomar de Vila-Lobos, condes de Ourem, em conformidade da bula do papa Gregorio XI com o consentimento do rei D. Fernando I e do bispo de Lisboa D. Agapito Colona.

E' igreja vasta de tres naves e de boa architectura, sendo de extraordinaria belesa e arte o rosaceo na frontaria sobre a porta principal.

Conservam-se nos pavimentos da igreja e das capelas cam-pas sepulcrais e jazigos de personagens notaveis do nosso país falecidos nos seculos passados.

Ali, em uma capela do cruzeiro, está a sepultura de Pedro Alvares Cabral, o navegador e descobridor do Brazil.

A igreja é monumento nacional, e está sendo restaurada.

(*Continúa*).

Anotações artisticas e archeologicas

(Continuado de pag. 30)

O passado e o futuro — A transformação da baixa

O respeito pelo passado é a consagração do futuro. Assim como o clinico á cabeceira do enfermo procura informar-se da historia progressiva da doença para fazer com segurança o seu diagnostico, assim a humanidade precisa saber o que fizeram os seus antecessores para melhor se inteirar do caminho que tem a seguir.

O conhecimento do passado é o pharol que a illumina na marcha do progresso.

De vez em quando notam-se eclipses fataes, de maior ou menor duração, n'esse pharol benefico, porque a humanidade teve tambem intermittencias de memoria, perturbações mentaes, monomalias do espirito, que lhe fizeram obliterar a obra santa dos seus antepassados.

Estes esquecimentos fazem-se com usura, obrigando a uma aprendizagem nova de factos já adquiridos e demonstrados.

Os ultimos trabalhos dos eruditos archeologos, que teem explorado methodicamente a Assyria, a Mesopotamia e outras regiões tradicionaes, revelam-nos a existencia de civilisações notabilissimas, que mal se diriam distanciadas de tantos seculos da nossa.

Não raro, deante d'essas preciosas reliquias do passado, se profere, confirmando-o, o aphorismo romano de que não ha nada novo debaixo do sol.

A' similhança dos terrenos estratificados, a civilização tambem se vae formando ás camadas mais ou menos regulares, mais

ou menos onduladas, aqui e além interrompidas segundo os abalos intempestivos que soffreu. A civilisação não é mais que um thesouro que se vae accumulando e de que a humanidade é um depositario fiel. Ai d'ella se a não sabe guardar com o zelo e amor indispensaveis!

Postos estes principios não se segue todavia que exageremos extraordinariamente o seu alcance deduzindo corolarios incompativeis com o bom senso e com a propria e natural evolução das coisas. O respeito pelo passado deve ser um culto sincero e não um culto supersticioso. O fanatismo não é só condemnavel na religião e os fanaticos das velharias, se não são odiosos, chegam a ser ridiculos.

Baixando das regiões da theoria e das considerações philosophicas ao terreno da vida pratica occorre-nos applicar algumas d'estas ideias geraes ao movimento transformador que se está operando e mais radicalmente se terá de accentuar ainda na nossa capital, principalmente na Baixa.

A Baixa é uma pagina historica e architectonica do mais alto interesse porque nos traz á lembrança, com os seus laivos sinistros, a actividade da natureza em impetos desordenados e a actividade de um homem de espirito inquebrantavel e de vistas reformadoras. O terrivel abalo de 1755, destruindo grande parte da velha cidade e sepultando nas suas ruinas milhares de victimas, produzira a mais profunda consternação, um estonteamento difficil de tranquilisar. O Marquez de Pombal synthetisou n'aquelle momento o varão estoico que fica impavido deante das maiores catastrophes. Elle não se atemorizou nem vacilou, e, depois de enterrar os mortos, tratou immediatamente dos vivos, transmittindo-lhes, n'uma corrente galvanica, a sua incomparavel energia.

Da cidade baixa, reduzida em grande parte a um montão de escombros, nada ou quasi nada se aproveitou, traçando-se um plano absolutamente novo. Exceptuando o Terreiro do Paço, onde a esthetica foi mais apurada e monumental, o resto obedeceu de preferencia á solidez e á utilidade. Nem outra coisa podia deixar de succeder, attendendo-se ás circumstancias do tempo, que não permittiam brinquedos e phantasias custosas e ao character rigido do estadista dominador.

A geometria deu ali, não a graciosa geometria das curvas, mas a geometria rectilinia. A *Baixa* é um taboleiro de xadrez e para o seu tempo foi por certo um assombro e não faltaria quem censurasse, sem olhar para o futuro, a amplidão das ruas.

A cidade pombalina, pela sua completa uniformidade, se apresentava e apresenta ainda um certo ar de grandeza, é todavia monotona, deixando de impressionar pela falta absoluta de elementos decorativos.

O plano primitivo, nas suas linhas fundamentaes, tem sido até ha pouco mantido, modificando-se apenas a altura dos edificios, o que transtornou sensivelmente a sua construção interna, peorando a hygiene dos saguões e diminuindo a luz e a ventilação dos andares inferiores. Ultimamente tem se ido mais longe e o sumptuoso edificio do Banco Lisboa e Açores como que abre um parenthesis poetico na prosa architectonica dos tracistas do seculo XVIII.

Não julgamos que estas innovações venham profanar a obra e o pensamento do grande ministro de D. José I, porque as circumstancias actuaes são muito differentes das da sua epoca. Parece-nos, porém, ter desde já em vista e considerar com urgencia que as ruas da Baixa estão pedindo uma transformação radical, em harmonia com o movimento vertiginoso que n'ellas se observa, a ponto do transito se tornar por vezes difficil e quasi impraticavel. O problema, por conseguinte, apresenta-se sob esta phase: devem permittir-se as reedificações arbitrarías ou convem desde já sujeital-as a novo plano, que mais hoje, mais amanhã, será forçoso adoptar?

Sem prejuizo do presente, antes contribuindo para o seu bem estar, olhemos para o futuro e não dêmos aos nossos descendentes o direito de nos accusarem de espiritos acanhados.

16-4-1907

Paços reaes e paços episcopaes

São numerosos os predios que n'estes ultimos annos se teem levantado nos novos bairros de Lisboa, havendo entre elles alguns que se distinguem por uma certa apparencia elegante e luxuosa. Os architectos teem louvavelmente diligenciado imprimir-lhes um certo cunho, embora a sua caracterisação não seja irreprezivelmente artistica, propendendo, pelo contrario, para a originalidade, que degenera muitas vezes em extravagancia. Esta preoccupação da novidade não é culpa em absoluto dos que delineiam a obra, que teem muitas vezes de obedecer aos caprichos dos proprietarios e das correntes dominantes.

A maior parte d'essas construcções—escusado será dizel-o—não são, nem podem ser, monumentaes, obstando a isso uma serie de circumstancias de mais de uma natureza.

A constituição da sociedade moderna não permite que se construa com a solidez e grandeza de outr'ora, porque as ideias são instaveis, porque a arte e a industria estão modificando a cada momento os seus processos.

Hoje um chefe de familia, por muito rico que seja, precisa de olhar para um futuro não muito longinquo, pois sabe que os seus bens, logo que falleça, devem ser repartidos irmãmente pelos filhos e já não ha lei dos morgados que perpetue as casas solarengas. As dynastias dos millionarios são pouco duradouras e podem-se contar. São raros os capitalistas que, sem comprometter a sua fortuna, se atrevam a transformar a pedra nas maravilhas architectonicas e esculpturaes, como vamos admirando na Quinta da Regaleira em Cintra.

O proprio braço real já não tem o vigor de outr'ora, e as corporações monasticas e religiosas, que encheram de monumentos o paiz, desapareceram na voragem revolucionaria dos tempos. O Estado, o elemento civil, é quem vai substituindo essas forças antigas, e só as grandes colectividades é que possuem os elementos indispensaveis para proceder ás construcções gigantescas. Não nos surpreendeu, por consequente, que o governo se apropriasse ultimamente de algumas propriedades que estavam na posse da familia real.

Não ha duvida que as residencias realengas, tanto em Lisboa como nos suburbios, eram excessivas, embora contribuissem e contribuam ainda para o seu embelezamento. O paiz, porém, é que não póde dispôr de recursos extraordinarios para a conservação d'esses palacios, alguns dos quaes se podiam considerar verdadeiramente superfluos.

Os palacios de Queluz e de Caxias entraram já na posse do Estado, o que nos parece medida sensata, posto que não saibamos qual seja a applicação mais adequada que lhes reservem. O de Caxias só se recommenda pela quinta, que merece todavia ser conservada como exemplar apreciavel da antiga jardinagem. Entre nós tem havido o mau gosto e o mau senso de tudo modernisar, inclusivamente os jardins, e, sob este ponto de vista, não ha nada mais deploravel do que a reforma effectuada, ainda não ha muitos annos, nos jardins do paço de Belem.

O paço de Queluz é muito differente e muito mais valioso

que o de Caxias, e deve ser classificado como monumento nacional, sendo, talvez, modelo unico n'aquelle genero. As suas fachadas sobre os jardins, lindamente adornados de lagos e estatuas, de escadarias graciosas, são d'um estylo encantador. A parte interna offerece hoje menos attractivos, por isso que algumas das suas mais esplendidas salas, ou estão completamente desadornadas ou ameaçam ruina.

Queluz é uma Versailles em miniatura e até, para lhe ser comparavel, não lhe faltam ao fundo da quinta as suas quedas e jorros de agua, embora muito mais reduzidos que os de Versailles. Nas alamedas d'esta quinta presenciou William Beckford, o opulentissimo inglez, algumas scenas da côrte de D. Carlota Joaquina, que descreveu humoristicamente nas paginas que recordam a sua digressão á Batalha e Alcobaça.

E' pena que Queluz não esteja mais proximo de Lisboa pois podia ser excellentemente aproveitado para um museu de arte moderna, como o de Luxemburgo. Em todo o caso entendemos que deve ser conservado o mais cuidadosamente possivel, tanto o palacio como a quinta, servindo de recreio aos habitantes de Lisboa, que não teem muitos sitios onde se espraíem tão livremente como ali. Assim como succede na quinta de Monserrate em Cintra, poder-se-hia estabelecer um pequeno preço de entrada, cujo producto contribuiria para as despesas da manutenção.

Os bispos tambem tiveram as suas opulentas quintas de recreio, como a de Santa Cruz da Maia, do bispado do Porto, a qual está hoje em ruinas, tendo tido a honra de ser decantada em dois poemas, um latino, outro hespanhol. A mitra de Lisboa foi senhora de dois importantes predios rusticos, onde os seus prelados iam descansar dos trabalhos pastoraes. Marvilla e Santo Antonio do Tojal receberam soberbos embelezamentos da parte do primeiro patriarcha D. Tomaz de Almeida. Marvilla é hoje propriedade particular e Santo Antonio do Tojal, segundo nos informam, está em deploravel decadencia, vendo-se, porém, ainda algumas salas forradas de couros de Cordoba e com lustres de Veneza ha mais de um seculo tristemente apagados. Seria para estimar que o conselho dos monumentos fizesse uma visita a este edificio, examinando e relacionando o que ha lá de importante, propondo depois os meios de obstar á sua total destruição ou desaparecimento.

Estes assumptos, interessando directamente o governo e o prelado diocesano, interessam egualmente o paiz, pois todos os mo-

numentos, qualquer que seja o seu character, são outras tantas paginas, que damos a lêr aos estrangeiros e que nós devemos egualmente lêr, pois fazem parte integrante do livro da civilisação portugueza.

9-12-1908.

A propaganda do gosto artistico

Constituiu-se, ou está em via de constituir-se, uma nova sociedade, cujo fim principal é divulgar quanto possível, por todas as classes, especialmente pelas classes populares, o gosto e o sentimento artistico, guiando-os e educando-os, incitando os a professar com ardor a religião do bello.

Os individuos que assistiram á sessão preparatoria são a mais segura garantia de que este empreendimento se levará a cabo com bom exito, porfiando todos em fazer convergir as suas variadas aptidões para o mesmo fim. Os intuitos dos iniciadores são excellentes, a propaganda não póde ser mais nobre, e quaisquer que sejam as difficuldades em que venha a tropeçar, quer-nos parecer que algum resultado se conseguirá, pois o solo, em que se vai lançar a semente, não é tão árido que não corresponda á diligencia dos semeadores.

Ha tempos a esta parte que se teem formado em Lisboa numerosas agremiações, tendo por alvo o levantamento do nivel intellectual portuguez, correspondendo assim a uma certa effervescencia dos espiritos, anciosos de encontrar o ambiente indispensavel para a sua evolução expressiva. No seculo XVII, á semelhança do que succedia em Italia, tambem se fundaram entre nós muitas associações litterarias, pomposamente designadas com o nome de academias, em que se recitavam versos gongoricos e se discutiam problemas d'uma subtileza ridicula ou pueril. As sociedades de hoje, embora não se possam considerar impeccaveis e apresentem bastantes defeitos, ainda assim differem muito d'essas ociosas assembléas, visando a um ideal mais puro e do mais elevado alcance. O que receamos é que, por falta de concentração, se venham a disseminar as forças e o que pudera ser estimulo se converta n'uma concorrência desastrosa.

Tanto as sciencias e a litteratura como as bellas-artes tendem a democratizar se, seguindo assim a marcha a que estão sujeitas,

sob o ponto de vista politico, as sociedades modernas. Nos paizes, em que ainda predominam as tradições e principios aristocraticos, n'esses mesmos as artes se vão infiltrando cada vez mais nas camadas populares. As grandes familias, de uma nobreza de seculos, vão sendo substituidas pelas jerarchias dos archi-millionarios. Alguns d'estes perpetuam a geração e conservam a riqueza nas familias, mas pela proliferação d'estas, essas riquezas vão se tambem subdividindo e fraccionando. Com frequencia assistimos ás vendas em hasta publica das preciosas collecções dos mais afa-
mados e ricos amadores e posto que não falte quem venha disputar a preço de ouro essas maravilhas, o estado é quem se lo-
cupleta pouco a pouco com taes despojos, enriquecendo com elles os museus publicos.

Se isto succede na Inglaterra, na Italia, na França e ainda em outras partes, com mais razão de ser se dá no nosso paiz, onde a velha aristocracia desapareceu quasi por completo, e onde a classe sacerdotal, pela extincção das ordens religiosas e pela desamortização dos bens ecclesiasticos, soffreu muito no seu antigo prestigio. Felizmente alguns prelados, comprehendendo a augusta missão que lhes incumbe, tratam de salvar as reliquias de um passado glorioso, depositando-as em logar, onde possam ser apreciadas pelo publico. Os senhores bispos de Coimbra, de Lamego e ainda os de outras dioceses, são dignos do mais incondicional applauso pelo zelo que tem manifestado n'este sentido.

Em Paris não se cansam as diversas entidades, tanto governativas, como particulares, em augmentar dia a dia as exposições systematicas e permanentes de objectos e productos da mais variada natureza que sirvam de incitamento e de recreio, attrahindo os mais indifferentes, que afinal, quando não professem o culto do bello, sempre se instruem ou distraem.

Agora mesmo acaba de se instaurar no ministerio dos negocios estrangeiros um museu de veras original, talvez o primeiro no seu genero, o museu diplomatico, onde se veem os retratos dos membros da diplomacia, que mais se salientaram na sua carreira, objectos e recordações que lhes dizem respeito, autographos, diplomas de convenções notaveis, sellos, medalhas commemorativas, etc. Entre nós não seria difficil seguir o exemplo, juntando-se o que anda por ahi disperso e que por isso mesmo passa despercebido.

A musica, apesar da propensão natural dos portuguezes, não obstante de vez em quando sairem das classes mais obscuras al-

gumas toadas deliciosas, é todavia um dos ramos das bellas artes mais descurados entre nós. Ultimamente algumas tentativas se tem feito para implantar a musica portugueza no theatro e muito seria para lastimar que não se animasse devidamente e por qualquer fôrma o arrojo dos que não se amedrontaram deante dos perigos e escolhos de tão difficil empreza.

Eduquemos, por conseguinte, o povo em todas as manifestações do bello, pois d'este modo conseguiremos um duplo fim, o util e o agradável. Incutir no espirito popular o sentimento esthetico é preparamo para dar aos produtos do seu trabalho uma fôrma tentadora. O utilitarismo é manifesto e entre elle e o sentimento artistico não ha nem pôde haver discordancia.

O bello é um purificador da alma, é um educador do espirito, é um elemento de regeneração individual e social. A propaganda que se effectuar portanto n'esta directriz será ao mesmo tempo humanitaria e patriotica, tornando-nos bons e tornando-nos uteis, dignos e activos collaboradores do progresso.

19-2-1909.

BIBLIOTHECA

DA

CIÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Edificio Historico do Carmo

O nosso patrimonio artistico

I

Talvez pareça menos opportuno o vir tratar de assumptos estheticos, quando o paiz está atravessando uma crise dolorosa, que devia preoccupar especialmente os espiritos dirigentes, em procura de remedios, que attenuassem quanto possivel os males que estamos soffrendo.

Não se podêem, é certo, negar as desgraças da patria, mas não é com os trênos lamentosos de Jeremias que ellas hão de sanar-se, antes sim com uma reacção energica, com um esforço sereno, com uma vontade decisiva, com um trabalho persistente, com a consciencia do perigo e com a consciencia igual de o dominar e vencer.

Pelo que diz respeito ás devastações originadas pelos recentes abalos de terra, lembremo-nos de que não é a primeira vez que ella estremece, que é este um phenomeno para assim dizer vulgar e tão universal, que raros serão os pontos do globo, onde se não tenha experimentado, em todos os tempos, com maior ou

menor violência. A historia assim o diz e proclama, tanto a historia escripta como a historia monumental. Herculanium e Pompeia são dois livros de pedra e cinza em que ficaram profundamente gravados os destroços produzidos pelas convulsões da natureza.

E não obstante todos estes factos reeditados actualmente com intensidade, o genero humano não cahiu em desanimo, antes, passado o primeiro momento de pavôr, tem proseguido na sua obra de progresso, sem pensar um momento em retroceder ao estado primitivo, á rudeza do selvagem, habitando a choupana e a caverna, garantindo por este meio a segurança individual.

Não, a humanidade, esquecido o desespero momentaneo, não pára, não vacila, não se intimida com as responsabilidades que lhe impõem a sua missão civilisadora, a sua marcha de Ashaverus, no caminho da perfeição suprema.

Essa mesma Italia, apesar dos tumulos gigantescos de Herculanium e Pompeia, não é a terra dos mortos; é a terra dos vivos, é o berço das Artes, é o solo dos crentes, que não cessam de sacrificar no altar do Bello. A chamma dos vulcões como que gira nas veias d'aquelle povo, que sabe transformar a luz e o som nas mais gratas harmonias, que tanto brotam da palheta de Raphael, como da batuta de Palestrina, como do cinzel de Benevenuto-Cellini.

Quando nós eramos uma das primeiras potencias maritimas do mundo, senão a primeira, as ameaças e presagios do Adamastor, por mais terriveis que fossem, não nos causavam medo, e os nossos marinheiros continuavam audaciosos a devassar os mares desconhecidos na sua triumphante derrota, como se a viagem da India não fosse mais que um passeio recreativo. Quem lê a *historia tragico-maritima* é que tem ensejo de verificar, e ainda assim muito longe da verdade, como foi enorme a percentagem, tanto em vidas como em fazendas, com que tivemos de contribuir para a empreza das navegações, em que o mesmo mal de todos era a morte. Custa a crêr como houvesse coragem para tanto e como a fé, a ambição e o espirito de aventura, conseguiam vencer tamanha somma de obstaculos. Foram innumerados os naufragios, mas o homem não caiu prostrado na lucta de tantos seculos, nem tiveram effeito as palavras do velho do Restello, que amaldiçoou o primeiro que pôz velas no secco lenho. Os transatlanticos traduzem hoje a confiança que o homem depositou no futuro da navegação.

E o que succedeu com respeito ás viagens maritimas, que

são hoje um dos mais recreativos passatempos, é possível também que venha a succeder com outros factos, que ainda opprimem a humanidade, perturbando-lhe o seu bem estar.

Por enquanto a sciencia apenas inventou os instrumentos que registam os phenomenos sismicos, não sendo todavia para admirar que d'aqui a alguns annos, em consequencia de estudos profundos e de observações comparadas, ella possa determinar as leis que presidem a estes phenomenos, prevenindo assim a humanidade e facultando-lhe os meios de se pôr ao abrigo de tão surprehendentes catastrophes.

Emquanto, porém, não chega esse ancedado momento, emquanto não entramos na posse d'esses elementos preventivos, não nos deixemos atravessar pela corrente do pessimismo, na convicção deleteria de que não vale pensar no dia d'amanhã, tanta é a miseria que nos persegue n'esta vida transitoria. Não se repitam com insistencia as desconsoladoras palavras de que o homeni é só pó — *memento homo, quia pūlvīs es!* — antes seja outro o nossò *Memento*, mais cheio de fé, mais repleto de alegria, mais confiado e cheio de esperança.

Portugal é um dos paizes que mais teem soffrido as consequencias dos terremotos e comtudo o seu fertil sólo não está coberto unicamente de ruinas, sendo numerosos os monumentos, que despertam a attenção do viajante, attestando o nosso passado glorioso, o nosso amor a tudo quanto é bello e quanto ennobrece os sentimentos, regalando o espirito.

Santa Cruz, Alcobaça, Batalha, Thomar, Belem, os quadros de Vizeu e de Evora, os opulentos thesouros das nossas cathedraes e egrejas, os livros illuminados das nossas bibliothecas, tudo isto resistiu aos choques medonhos da terra, que ainda assim — triste é confessal-o! — teem sido menos destruidores e perniciosos que os vandalismos do proprio homem.

Todas estas riquezas, disseminadas pelo paiz, constituem o nosso patrimonio artistico, o mais bello, o mais insinuante, o mais caracteristico patrimonio nacional, e cabe-nos o indeclinavel dever, por interesse proprio e por interesse universal, não só de o conservar religiosamente, como também de o ir augmentando com novas preciosidades.

Feitas estas considerações geraes, reservamos para outro artigo o tratar dos meios de se conseguir mais efficazmente o pres-timoso *desideratum*.

18-6-1909.

II

Existem no nosso paiz duas Escolas de Bellas Artes, em Lisboa e Porto, e ambas ellas com os seus museus annexos, que se poderiam considerar os indispensaveis complementos do ensino, se estivessem devidamente organisados e correspondessem ao seu verdadeiro fim.

O Museu de Lisboa é, sem duvida, superior, em numero e qualidade, ao do Porto, mas ainda assim carece da maior parte dos factores elementares em estabelecimentos d'esta ordem.

No Museu do Louvre, por exemplo, não é só a arte nacional que está selectamente representada pelos mais notaveis mestres de todos os tempos; é tambem a arte estrangeira, cujos progressos e cujos primores se podem admirar, ainda que nem sempre em toda a sua plenitude. De muitos mestres e de muitas escolas ha apenas uma ligeira amostra, mas todos os dias se procura corrigir esta falta, enriquecendo o precioso thesouro.

O Museu de Lisboa comprehende, não ha duvida, collecções valiosissimas e que os mais afamados museus nos poderiam invejar, mas são, todas restrictas e quasi que apresentam uma unica feição. O predominio religioso é incontestavel, como se as salas fossem dependencias d'um mosteiro, o que não admira, attendendo-se a que a maior parte dos objectos, a sua quasi totalidade, provieram dos conventos. A sala, onde se ostentam as cruces processionaes e de altar, as custodias, os calices e os porta-pazes, parece uma sachristia de Alcobaça ou da Batalha.

A collecção dos quadros mysticos dos seculos XV e XVI talvez não tenham muitos que possam competir com ella e dá-nos prova cabal de quanto a arte portugueza foi cultivada ou apreciada n'aquelles tempos. E pomos propositadamente a disjunctiva para evidenciar que esses quadros, se não foram de pincel nacional ou executados no nosso paiz, foram importados do estrangeiro na corrente do bom gosto, que então nos dominava, e que deu origem a um Vasco Fernandes, o auctor do *S. Pedro*, de Vizeu, considerado como a oitava maravilha da pintura.

O Museu do Porto, ou antes os dois museus, porque um é do Estado e o outro do municipio, não valem ambos reunidos, o de Lisboa. O primeiro formado de quadros conventuaes, foi acondicionado n'uma galeria por baixo da Bibliotheca, e grande parte

d'elle acha-se consumido pelos effeitos da humidade. Aquillo não é uma galeria de quadros, é antes uma estufa de cryptogamas.

Outros museus existem disseminados pelo paiz, mas são mais de artes ornamentaes que de bellas-artes. N'este caso o da Sé Nova de Coimbra, onde se observam excellentes specimens de ourivesaria e tapeçaria. Este bem organizado repositório artistico deve-se á iniciativa do sr. bispo-conde, que felizmente tem sido imitado por outros collegas. Assim o sr. bispo de Lamego está transformando a sua residencia n'uma serie de compartimentos, onde se podem contemplar, excellentemente dispostos, para ensino e recreio, quadros, esculpturas, tapeçarias, livros raros, etc.

D'este rapido esboço se collige que não nos podemos queixar de pobreza artistica, embora, physica e estheticamente, estejamos carecendo de factores essenciaes e até elementares, que venham tornar mais completas e caracteristicas, mais proficuas e educativas as nossas collecções.

A arte profana e a arte moderna fazem-se notar por uma quasi absoluta ausencia. Essa lacuna torna-se urgente preencher a, recorrendo-se para isso a dois meios efficazes — á iniciativa dos governos e á iniciativa dos particulares.

Esta ultima, auxiliando a primeira, collaborando com ella judiciosamente, pôde produzir os mais auspiciosos resultados. Entre nós são poucos os colleccionadores de bellas-artes, e quando um visconde de Daupias chega a formar um agrupamento delicioso, a fatalidade torna ephemera essa visão divina, e é com magua que vêmos dispersar essa multidão de objectos encantadores, que voltam, por attracção irresistivel, aos focos artisticos d'onde vieram. Não admira, portanto, que as doações aos museus sejam raras e que se possam considerar como excepçoes os actos de generosidade d'um conde de Carvalhido, e sobretudo d'um visconde de Valmôr.

Em França, para não citar outros paizes, este procedimento é vulgar, como succedeu ainda ha poucos dias, por occasião do fallecimento do proprietario dos Grandes Armazens do Louvre, que legou todos os seus haveres artisticos ao Estado, legado que se avalia n'uns poucos de milhões de francos. No mesmo paiz fundou-se ha dois annos a sociedade dos «Amigos de Versailles», cujo primeiro presidente foi Sardou, e Details o actual, que muito tem contribuido, de accordo com o governo, para melhorar, restituindo-o á sua belleza primitiva, aquelle palácio, que, juntamente

com os seus parques, constitue um dos mais surprehendentes attractivos da França.

Em Portugal poder-se-ia organisar uma ou mais sociedades n'este sentido e estamos compenetrados de que surgiria a concorrência de pessoas illustradas, como o prova a carta abaixo inserta, que nos foi dirigida por pessoa da maior respeitabilidade e do mais apurado e educado gosto, cujo nome sentimos não poder revelar.

Eis o testemunho insuspeito, por espontaneo, de que não falta entre nós o sentimento esthetico, alliado ao sentimento patriotico:

«Sr. — Sei que v. muito se interessa pelas Bellas Artes em Portugal, por isso venho pedir-lhe a sua valiosa iniciativa para uma empresa, que me parece justa e realisavel.

Lá por fóra, em paizes civilizados, está em uso os homens ricos concorrerem com meios para que as collecções dos museus publicos sejam augmentadas todos os annos. Em França ha uma Sociedade denominada «Sociedade Amigos do Louvre», que annualmente adquire obras d'arte para este museu. Porque se não ha de fundar no nosso paiz uma «Sociedade dos amigos do Museu de Bellas Artes de Lisboa»? Não faltam para ahi homens de meios e de boa vontade e no paiz ha ainda bastantes obras d'arte que se vendem e que estão em risco de sair para fóra. No seu acreditado jornal pôde v. fazer muito. Digne-se acceitar a idéa e patrocínal-a. Ponho desde já á sua disposição para esse fim a annuidade de vinte mil réis. Com toda a consideração e estima me assigno.

De v.,

F. F.

Não commentamos esta carta, por o julgarmos superfluo. Limitamo-nos a apresental-a á criteriosa consideração do leitor, que a apreciará devidamente, convencidos, como estamos, de que não faltará quem a queira subscrever igualmente, reforçando uma iniciativa verdadeiramente sympathica e patriotica.

24-6-1909

SOUZA VITERBO

© presbitério de Azere

(Arcos de Valdevez)

(Estudos do Alto-Minho, XIX)

Todos os escritores são concordes em que, para a historia da architectura antiga, não se deve olhar apenas para as grandes construções, cuja origem, desinvolvimento e significação podem averiguar-se solidamente pelas claras referências dos arquivos; porque nos exemplares rurais, embora por vezes tam remendados como a capa de um mendigo, o ar primitivo vibra ainda melhor através das suas paredes rudes e surpreendem-se, captam-se ahí influencias que, nos edificios monumentais, ou escapam á vista do observador ou foram de — todo delidas por vastas adjunções espurias. Nessas modestas fabricas, póde avaliar-se mais genuinamente a interpretação que as correntes artisticas recebiam, quando os recursos dos fundadores eram mais limitados, os materiais e as ferramentas grosseiras e o ornamento architectural simplificado, austero e mudo.

E' neste espirito que, ha bastantes anos, conservo *membra-nis intus positis* (Hor.) algumas notas sobre a architectura do médio évo, no Alto-Minho.

*

Sai hoje, á primeira voz, um exemplar muito modesto, pertencente a uma construção de provavel character monastico. Examinei-o em 1909, na freguezia de Azere, dentro de um atrio ou quinteiro da propria residencia do *reitor* da freguesia. Consta apenas de um portal quasi castelático e uma janéla contemporanea, de duas luzes.

O aparelho construtivo é o grande, como nas igrejas românicas e nalguns velhos castêlos da primeira dinastia.

O vivo da portada é desenhado por um arco ogiival de ampla abertura, porque os centros das duas curvas convergentes ficam dentro da corda respectiva; (1) as aduelas, robustas e chatas, são seis para cada lado, similares entre si e rematadas com o fecho, que ocupa o vertice da ogiva, tal como num arco de volta inteira. E' este o aspecto da parte de fóra.

Interiormente, por trás da ogiva, meia grossura da parede é cortada por um arco abatido, que cinco aduelas formam, das quais a central é a menos grada. Este arco arranca dos pés direitos internos, estribando-se em dois encorpados someiros, um por banda, de tipo característico.

As hombreiras deste arco são, como succede sempre, reintrantes, relativamente ás que formam verdadeiramente o vivo da entrada; esta disposição visava decerto a proteger os batentes de madeira da porta castelática contra as investidas exteriores. E' por isso que o vertice da ogiva fica subjacente ao vertice do sapapanel, como se vê no desenho inferior da fig. 1.^a onde tambem se reproduzem algumas siglas ou marcas de canteiro.

No canto superior do arco interno, vê-se ainda o coução de pedra com a cavidade adequada ao jogo do batente.

Vamos agora á janêla, que os construtores quizeram pôr em contraste ornamental com o bélico sobrecenho do portal. Fig. 2.^a

E' um vão bipartido, esguio mas pesadão, algo brutal; o pilarrete ao centro é constituído por dois fortes cilindros contíguos e nichados, onde uma imposta ocupa o logar de capitel. Nas hombreiras de silhares, as impostas respectivas nivelam-se com a do pilar e são todas três adornadas, na aresta superior, com um astragalo e, na inferior, com uma moldura semelhante de perfil, mas, na face debaixo, concava.

(1) Segundo J.-A. Brutails, o verdadeiro arco *en tiers-point* tem dois centros, que dividem a corda em 3 partes iguais: são portanto centros internos ao arco. Pareceu-me á simples vista e feito o desenho, que a figura reproduz com o maior escrupulo, que, na porta do presbitério de Azere, a corda era dividida em 4 partes iguais e os dois centros das curvas correspondiam aos pontos 1 e 3, em todo o caso internos ao arco. E' falivel e grosseiro este processo, mas aqui o seu resultado, que verifiquei com o compasso, como se pôde ver nas linhas ponteadas, não denuncia erro palmar (*Précis d'Archéologie du moyen âge* par J.-A. Brutails. Toulouse—Paris, 1908; page 148).

Na base do pilar central, avulta mal um trifólio e, no tímpano das duas arcaturas, que corôam os vãos da janéla, relêvasse, também pouco, uma especie de figura de gôrro. No desenho estão indicadas com fidelidade as juntas de toda a silharia e ahi se vê que, dos dois arcos, um é inteiramente monólito e, quanto ao seu traçado, são ambos de forma sobre-elevada.

Esta janéla abre para o mesmo recinto da entrada, que discrevi primeiro.

Ha algumas siglas nos silhares, até nos interiores, mas a cruzinha, que se vê em uma ombreira da janéla, é moderna; reuni alguns desses sinais na fig. 3.^a

Quando fiz a visita a estas antiguidades, informaram-me de que, nas costas da capéla-mór da igreja-paroquial, que fica contigua ao edificio a que me tenho referido, havia uma inscrição que porem, estava e suponho estar ainda, oculta debaixo do rebôco de cal. Nada pude averiguar sobre a paleografia dos caracteres, mas a noticia aguça um pouco a curiosidade.

*

Estes restos vetustos em Azere explicam-se com a historia na mão. Deixo agora, de parte, as ruínas da civilização preromana, que eu mesmo encontrei na freguezia e a que me referi em *O Arqueologo Português* I, 167; IV, 231 e 259.

Referem escritores antigos que o primitivo mosteiro, que existiu aqui, foi dos fundados pelo santo bispo de Dume, Martinho. Mas, na carta de doação da rainha D. Teresa á sé de Tuy, já se menciona o couto de *Azar* e, de 1125, ha outro documento régio, especialmente respeitante a este velho cenóbio coutado. (*Elucidário das palavras*, etc. por fr. J. de Santa Rosa Viterbo, I, 247).

Este couto ainda era reconhecido e vigorava em 1285; nas *Inquisitiones* de D. Afonso III, o 2.^o item no julgado de Valdevez é do *Couto Sancti Cosmedi d'Azer*: é curioso o depoimento feito, entre outros, por três clérigos com estes nomes de significativa tradição em um lugar de fundação do bispo de Dume: *Martinus Facundi*, *Martinus Pelaiç*, *Johannes Martiniç*. Estes padres eram da mesma família; o que alegavam, tinham-no ouvido da propria bôca de seus tios, que haviam sido *prelados* de Azere e vinham já do tempo de D. Sancho I. Esta igreja era, di-

ALGERA

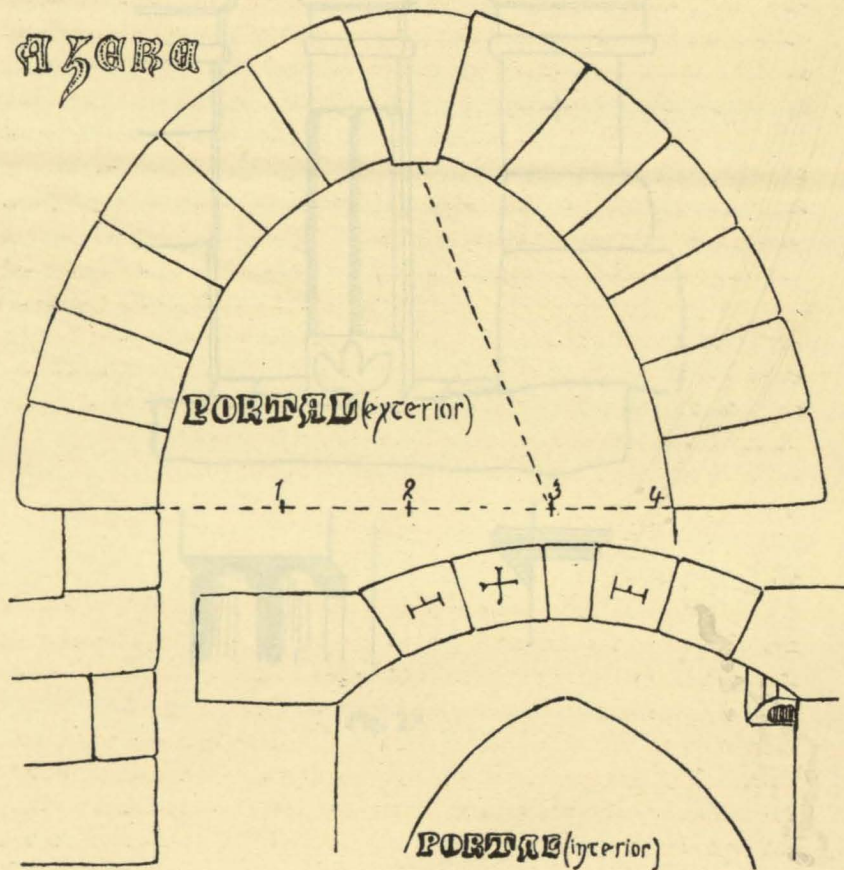


Fig. 1.^a

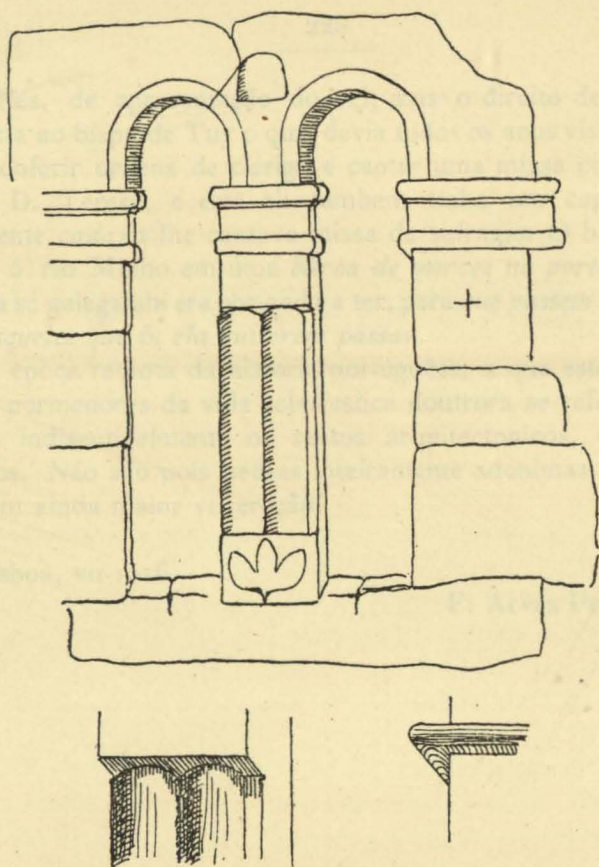


Fig. 2.^a

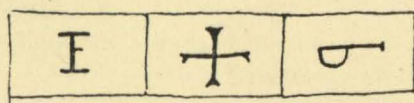


Fig. 3.^a

ziam êles, de apresentação do rei, mas o direito de confirmar pertencia ao bispo de Tuy o qual devia todos os anos visitar Azere, para conferir ordens de clérigo e cantar uma missa por alma da rainha D. Teresa, e esta ali também tinha um capelão, que igualmente *cadaya* lhe cantava missa de sufragio. O bispo transpunha o rio Minho em uma *barca de mercee no porto de Tuy*, a qual a sé galega ahi era obrigada a ter, para *que passem sem precio todos aqueles que in ela quizerem passar*.

A epoca remota da historia portugueza, a que estes interessantes pormenores da vida ecclesiastica dourora se referem, pertencem indiscutivelmente os restos architectonicos, que deixei descritos. Não são pois pedras inteiramente anonimas e por isso merecem ainda maior veneração.

Lisboa, VII-1016.

F. ALVES PEREIRA.

RELATÓRIO DA DIREÇÃO

Aprovado pela Assembleia geral em sessão de 18 de Fevereiro de 1916

SENHORES E CONSÓCIOS:

Cumprindo gostosamente uma das obrigações que os nossos Estatutos nos impõem, vimos dar-vos conta do modo como procurámos, desempenhar-nos da honrosa missão, que nos confiastes, fazendo, ao mesmo tempo, rápida síntese, a história da nossa Associação durante o ano social findo em 31 de Dezembro de 1915, —último de nossa gerência.

As obras de que absolutamente carece o histórico e venerando edificio que, desde a sua fundação, esta colectividade tem como séde, continuaram a representar a nossa mais viva preocupação. Repetidas vezes procurámos o Sr. Director geral das obras públicas e minas e conferenciámos com o Sr. engenheiro Borges de Castro, actual Director da zona a que pertence o monumento do Carmo, e com o arquitecto Sr. Leonel Gaia, havendo também mostrado ao Sr. Ministro do Fomento, engenheiro António Maria da Silva, benemérito da nossa Associação, a necessidade, já por aqueles distintos funcionários reconhecida, de se proceder, com urgência, às obras arbitradas e que são, como ficou assente numa visita que o Sr. Gaia officiosamente fez às preciosas ruínas em que nos abrigámos, as seguintes:

- a) Canalização das águas pluviais nas três naves e transepto;
- b) Construcção, em madeira, dos pavimentos das duas capelas à direita, conservando-se como estão as das outras;
- c) Cobertura da nave sul com uma *marquise* de ferro e vidro, a um terço da altura, collocando-se ao abrigo d'ela os túmulos em que a acção das chuvas mais damnosa seja;
- d) Complemento da escada da torre e sua comunicação com

a última capela do lado esquerdo pela pequena porta ogival que lá se vê entaipada, estabelecendo-se por essa escada o acêso aos terraços sôbre as abóbadas das absides;

e) Pintura das portas exteriores;

f) Ampliação da janela rasgada na última sala à direita;

g) Pequenas reparações internas.

Contâmos absolutamente com a bôa vontade de S. Ex.^a o Ministro, dos Srs. engenheiros Cordeiro de Sousa e Borges de Castro e do Sr. arquiteto Leonel Gaia e por isso estâmos certos de que em breve começarão as obras tão repetida e instantemente pedidas.

Não é só a conservação do edificio e de algumas das peças de valor histórico e artístico a nós confiadas, que exige a immediata realisação dessas obras: exige-a tambem a remodelação do Museu, — que tantas preciosidades encerra, que todos os *guias* mencionam e que tantos estrangeiros visitam, — remodelação sem a qual (fôrça é dizê-lo) o nosso Museu não só deixará de corresponder à função educativa, que a todos os museus incumbe, como dará da nossa dedicação, do nosso zêlo pelo precioso tesouro que nos está confiado e que faz parte do património artístico da nação, um desfavorável testemunho, que, em nossa consciência, re conhecemos imerecido, mas que difficilmente poderemos destruir.

E, a propósito, recordaremos que, sem embargo de não estarem iniciadas, sequer, as obras, deliberastes, que se procedesse a um trabalho prévio de inventariação geral, que mercê da dedicação de alguns dos nossos consocios, está já, em parte, realizada, e que foi assim distribuido :

Armas e Brazões.....	Afonso de Dornellas
Cerâmica	José Queiroz
Epigrafia Portuguesa.....	Nogueira de Brito
Epigrafia Latina.....	Dr. Felix Alves Pereira
Numismática.....	Ferreira Braga
Escultura decorativa em madeira, estatuaria e baixos relevos.....	D. José Pessanha
Lapides romanas.....	Dr. Felix Alves Pereira
Obras de talha e baixos relevos de madeira.....	José Queiroz
Livraria	Alberto Navarro
Desenhos, gravuras, quadros e litografias.....	} Luís Betencourt e } Dr. Xavier da Costa

Fotografia.....	J. Barcia
Prehistoria.....	Dr. Vergilio Corrêa
Fragmentos architectonicos.....	{ Ribeiro Cristino Mena Junior e J. Ganhado
Tumulos.....	Soares O' Sulivand
Diversos.....	Matos Sequeira

Durante o ano findo, foi o nosso Museu enriquecido com algumas especies valiosas. Alem de uma interessante collecção de utensilios de character paleolithico, recolhidos no Estoril pelo Sr. Dr. Felix Alves Pereira e por este nosso devotado consocio e esclarecido archeologo depositados no Museu, deram nele entrada, parte a nosso pedido, parte por iniciativa do Sr. engenheiro Bandeira Neiva e do Sr. conductor, chefe de secção, Amor Machado, hoje merecidamente socios honorários da nossa Agremiação, as seguintes peças, provenientes do demolido edificio do convento das Francesinhas :

- 1.º Os azulejos que estavam sobre o arco do cruzeiro ;
- 2.º Os braços da fundadora do convento ;
- 3.º 2 Cancelas de ferro (século XVIII) ;
- 4.º 1 Lavabo em estilo clássico ;
- 5.º A campa do almirante Pedro de S. Mariz Sarmento (1822) ;
- 6.º A lapide tumular de D. Ana Armada du Verger.
- 7.º O escudo e corôa que estava no angulo do edificio ;
- 8.º O baixo relêvo do tímpano da porta principal ;
- 9.º O fecho da aboboda artezónada da capela-mór ;
- 10.º As cúpulas, ou docéis dos púlpitos ;
- 11.º Uma collecção de 9 fotografias para ficar arquivada como documento autêntico da existência do edificio e igreja ;
- 12.º Escudo das armas de S. Francisco ;
- 13.º Baldaquinos ;
- 14.º Escudo com dois motivos juntos e respectiva corôa ;
- 15.º 2 Santas que estavam sôbre o arco cruzeiro ;
- 16.º 4 Tabelas com sol, lua etc ;
- 17.º 2 Tabelas com talha doirada ;
- 18.º Mizula grande ;
- 19.º Mizulas pequenas ;
- 20.º Columnas torcidas com talha.

Foram também encorporadas no Museu a lapide da época de

D. João IV e referente ao dogma da Imaculada Conceição, que se encontrava no arco do Santo André, e outra, de notável importância histórica, em que, ao centro de um entrelaçado de ramos de carvalho, se lê a palavra «Aleo», grito de guerra dos Condes de Vila Real. A primeira foi-nos cedida pela direcção da Companhia Carris de Ferro, e a segunda, procedente do palácio dos duques de Vila Real e de Caminha em Leiria, pelo nosso consócio Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher. Em ambas estas cedências interveiu o nosso colega Afonso de Dornellas.

Continuaram os nossos consócios José Queiroz, Matos Sequeira, Nogueira de Brito. Dr. Vergílio Corrêa e D. José Pessanha as suas excursões de estudo pelos arredores e termo de Lisboa, tendo no ano findo, visitado Vila Franca, Alemquer, Santo Quintino, Torres Vedras e Varatojo. Em todas estas excursões, estudaram edificios de valor histórico e artistico, azulejos, construções típicas, etc., tomando apontamentos e colhendo fotografias e *croquis*, ao mesmo tempo que aproveitaram todos os ensejos que se lhes depararam, para esclarecer as pessoas a cargo de quem estão os edificios estudados, ácerca do valor deles e da necessidade de velar pela sua conservação, de as defender contra quem, acaso, pretenda atentar contra a sua integridade.

No decorrer do ano findo, foi levada a cabo a trasladação dos ossos do fecundo poligrafo e vigoroso polemista Padre José Agostinho de Macedo, da sua modesta campa na profanada igreja do antigo convento do Rato para o Ossuário Municipal do cemitério Occidental, devendo ser oportunamente levados para jazigo especial no cemitério de Beja, terra em que o notavel escritor nasceu. Na verificação e estudo da ossada, tomaram parte, além dos nossos consocios Drs. Xavier da Costa e Tomás de Melo Breyner, o Dr. Antonio Aurélio da Costa Ferreira, que se tem muito distinctamente especializado na anthropologia e que é hoje sócio honorário da nossa Agremiação. Breve serão coletados, num folheto que decerto se apressarão em adquirir todos os admiradores de Macêdo e os colecionadores das suas obras, os artigos, estudos e relatórios que documentam a nossa interferência na trasladação dos seus restos.

Trocámos algumas das nossas publicações com as de vários ministérios e da Sociedade de Geografia, enriquecendo assim a nossa Bibliotéca, já hoje valiosa, pois comprehende cêrca de 1:050 especies, e cuja catalogação geral por titulos de obras está concluída, trabalhando-se actualmente no catálogo por nomes de au-

tores, concluído o qual se procederá à indispensável catalogação metódica. Também foram encadernados bastantes volumes, tendo sido empregada completamente a respectiva dotação, que é apenas de 30 escudos.

Entregámos a diversas casas, para venda à comissão, 60 exemplares das *Noções de Archeologia*, do benemérito fundador da nossa Associação, e 100 coleções de bilhetes postais.

Do *Boletim*, apenas um número saiu, — o n.º 4 do tomo XIII, — por não haverem os nossos recursos permitido a publicação de outros, tendo nós encarregado da composição e impressão a *Casa Portuguesa*, que foi, de todas as oficinas consultadas, aquela que mais vantajoso orçamento nos apresentou:—12 escudos por folha de 16 páginas, compreendendo composição, impressão e papel. Está no prelo o n.º 5.

Do desenho do diploma, está encarregado o nosso dedicado consocio Alberto Sousa, que certamente se desempenhará, em breve e de modo brilhante, do encargo que gentilmente assumiu.

Da medalha-distintivo, mandámos cunhar 25 exemplares, que devem estar, dentro de alguns dias, á disposição dos nossos consócios.

Logo no comêço do ano, tivemos de substituir o enpregado Eduardo de Oliveira, que adoecêra gravemente e, poucos meses depois, faleceu, tendo a nossa escolha recaído no Sr. António Carvalho, o qual, havendo abandonado o lugar, foi por sua vez substituído pelo Sr. Ernesto Pinheiro.

Do movimento de sócios, dar-vos-há conta o nosso colega tesoureiro. Dir-vos-hen os, entretanto, que foram admitidos os Srs. Augusto Cesar Cardoso Pinto de Queiroz, D. José Luis de Saldanha Oliveira e Sousa, Dr. Afonso de Lemos, Conde de Arrochela, José Artur Barcia e Carlos Meireles de Carvalho, e que tivemos o desgosto de perder os nossos consócios Visconde de Meireles, que, afastado da carreira diplomatica, que tão brilhantemente havia seguido, dedicava os seus ócios aos estudos históricos e archeologicos, em que o seu culto espírito tanto se comprazia, e Dr. Francisco Xavier de Ataíde e Oliveira, autor de numerosas e interessantissimas monografias sôbre a história e a etnografia da caracteristica e inconfundível provincia do Algarve.

SENHORES E CONSÓCIOS: Os senhores e consócios da Associação de Defesa do Monumento de D. João I.

O ano de 1915 foi, como sabeis, o ultimo da nossa gerencia. Reconhecemos e confessamos, sem falsa modestia, que não correspondemos, inteiramente, á confiança que em nós depositastes. Asseguramo-vos, todavia, que foram sinceros os esforços que nesse sentido empregámos, — tão sinceros quanto o são os votos que fazemos pelo desenvolvimento e prosperidade da nossa Associação, á qual, — firmemente o crêmos, — está reservada uma função proficua e brilhante no estudo e defesa dos nossos monumentos e das nossas tradições, um futuro em tudo digno do seu glorioso passado.

Lisboa, Carmo, em 12 de Janeiro de 1916.

O PRESIDENTE — *D. José Maria da Silva Pessanha*
 O VICE-PRESIDENTE — *Eduardo Augusto da Rocha Dias*
 OS SECRETARIOS — { *Afonso de Dornellas*
 { *Alfredo de Gusmão Navarro*
 O TESOUREIRO — *Luis de Albuquerque Bettencourt*
 OS VOGAES — { *Jesuino Artur Ganhado*
 { *Francisco Soares O'Sulivand.*

Movimento de Tesouraria em 1915

Saldo em 31 de Dezembro de 1914....	117\$03	
Receita geral do ano de 1915.....	425\$37	542\$40
Despesa geral do ano de 1915.....		430\$55,5
Saldo que transita para 1916.....	Esc.	<u>111\$84,5</u>

Lisboa, Carmo, em 31 de Dezembro de 1915.

O TESOUREIRO

(a) *Luis de Albuquerque Bettencourt*

Parecer da Comissão Revisora de Contas

A comissão revisora de contas daclarando verdadeiras e exactas todas as quantias e perfeita a escrituração, propõe:

- 1.º Que sejam aprovadas as contas do nosso tesoureiro ;
- 2.º Que na acta se lhe consigne um voto de agradecimento pelos bons serviços e dedicação para com a nossa Associação.

Museu historico do Carmo, em 12 de Janeiro de 1916.

A COMISSÃO:

(aa) *José Joaquim d'Ascensão Valdez*
José Ferreira Braga
Luís Xavier da Costa

(Estas propostas foram aprovadas pela Assembleia Geral em 18 de Fevereiro de 1916).